

MARTINE MARIGNAC, MAURICE TINCHANT et ALBERT PREVOST présentent

DENIS LAVANT
EDITH SCOB

EVA MENDES
KYLIE MINOGUE
ELISE LHOMEAU
MICHEL PICCOLI
JEANNE DISSON



SÉLECTION OFFICIELLE
COMPÉTITION
FESTIVAL DE CANNES

HOLY MOTORS

UN FILM DE
LEOS CARAX

Image CAROLINE CHAMPETIER ^{art}, YVES CAPE ^{art} Montage NELLY QUETTIER. Son ERWAN KERZANET, KATIA BOUTIN, JOSEFINA RODRIGUEZ, EMMANUEL CROSET
Création et supervision maquillages / Coiffures BERNARD FLOCH. Maquillages sfx JEAN-CHRISTOPHE SPADACCINI, DENIS GASTOU. Décor FLORIAN SANSON. Costumes ANAIS ROMAND ^{art}
Aide à la réalisation JULIE EXAËT. Régie DIDIER ABOT. Scrite MATHILDE PROFIT. Directrice de post production EUGÉNIE DEPLUS. Une co-production France-Allemande PIERRE GRISE PRODUCTIONS
THÉO FILMS / ARTE FRANCE CINÉMA / PANDORA FILM / WDR-ARTE. Avec la participation de CANAL+, d'ARTE France et du CENTRE NATIONAL DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE
Avec le soutien du PROGRAMME MEDIA DE L'UNION EUROPÉENNE DE LA RÉGION ÎLE-DE-FRANCE et de LA PROCREP / ANOVA, FFA MINI TRAITÉ, MEDIENBOARD BERLIN BRANDENBURG
En association avec SOFICINÉMA 8 et WILD BUNCH. Distribution France LES FILMS DU LOSANGE



CANAL+ arte WDR+ #1 France 4214 ARTE medienboard





ELE

Jean, há algo que tu não sabes.

ELA

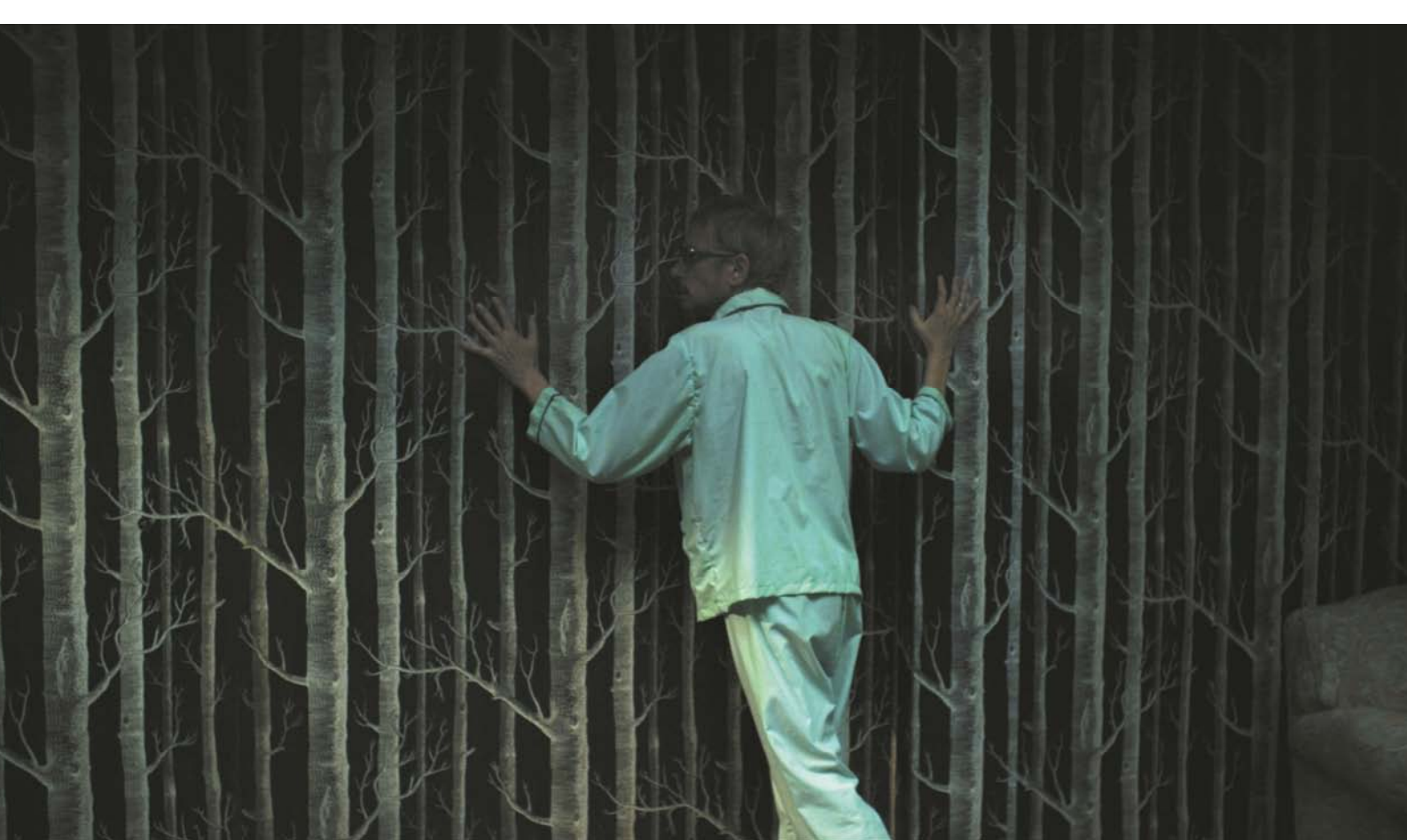
Sobre ti?

ELE

Sobre nós.



Algumas horas na existência do Senhor Oscar, um ser que viaja de vida em vida. Ora um abastado homem de negócios ou um assassino, ora um pedinte ou um pai de família. Está sozinho, acompanhado apenas por Céline, uma senhora loira e alta aos comandos da imensa limousine que o transporta. Persegue a beleza do gesto, do motor da acção, das mulheres e dos fantasmas da sua vida. Mas onde fica a sua casa? Onde está a sua família? Onde e quando descansa?



LEOS CARAX - ENTREVISTA

Aparece no início do filme numa espécie de prólogo. Como surgiu esta ideia?

Em primeiro lugar, tive a imagem de um cinema enorme e repleto, escurecido para a projecção de um filme. Mas os elementos do público estão completamente parados e de olhos aparentemente fechados. Estão a dormir? Mortos?

O público de um cinema visto de frente – algo que ninguém vê (excepto o derradeiro plano de “A Multidão”, de King Vidor.

Depois a minha amiga Katia falou-me de um dos contos de Hoffman. O herói descobre que o seu quarto está ligado, através de uma porta secreta, para uma Ópera. Tal como nesta citação de Kafka, que pode servir de preâmbulo para qualquer acto criativo: “No meu apartamento há uma porta na qual nunca tinha reparado até agora.”

E assim decidi iniciar o filme com este sonâmbulo que acorda a meio da noite e que vai parar a um cinema enorme cheio de fantasmas. Instintivamente chamei ao homem – o sonhador do filme – Leos Carax. E interpretei o papel.

Que papel desempenhou “Merde”, a sua contribuição para o filme “Tóquio!”, para concepção de HOLY MOTORS, onde a personagem Merde é um dos avatares de Denis Lavant?

HOLY MOTORS nasceu da minha incapacidade de prosseguir com vários projectos, todos eles noutra língua e noutro país. Todos esbarraram contra dois obstáculos: casting e dinheiro. Aborrecido por não conseguir filmar, utilizei

“Merde” como inspiração. Encomendei a mim próprio um projecto nas mesmas condições, mas em França – fazer um filme barato, rapidamente, para um actor previamente escolhido.

Tudo se tornou possível com as câmaras digitais, que eu desprezo (estão a impor-se sozinhas ou a serem-nos impostas), mas que parecem tranquilizar toda a gente.

O conceito dos motores e da importância das máquinas está claramente expresso no título e é um dos temas recorrentes do filme. Foi esta a ideia original por detrás do projecto ou foi tomando forma gradualmente?

Nunca há uma ideia inicial ou intenção por trás do filme, mas um conjunto de imagens e sentimentos que eu trato de unir.

Para HOLY MOTORS, uma das imagens que tinha em mente era a destas limousines que surgiram nos últimos anos. Vi-as pela primeira vez na América e agora todos os domingos no meu bairro, em Paris, para os casamentos chineses. Estão em total sintonia com os nossos tempos – ao mesmo tempo vistosas e saloias. De fora tudo parece bem mas no seu interior existe o mesmo sentimento triste que se sente num bordel. Ainda assim, comovem-me. Estão ultrapassadas, como os velhos brinquedos futuristas do passado. Marcam o fim de uma era, a era das máquinas grandes e visíveis.

Desde cedo, estes carros tornaram-se o coração deste filme – o seu motor. Imaginei-os como longas naves transportando os humanos nas suas derradeiras viagens, nas suas últimas tarefas.

O filme é então uma espécie de ficção científica, nas quais os humanos, monstros e máquinas estão à beira da extinção – “motores sagrados” unidos por um destino comum e pela solidariedade, escravos de um mundo cada vez mais virtual. Um mundo do qual as máquinas visíveis, as experiências reais e as acções estão gradualmente a desaparecer.

Na cena em que o Denis Lavant está coberto por sensores brancos, ele é como um trabalhador especializado em motion capture. Não muito distante de Chaplin em “Tempos Modernos” – exceptuando o facto de que o homem já não está preso nas engrenagens da máquina mas nas malhas de uma rede invisível.

Quem é o Monsieur Merde? É um fantasma que surge do passado? Um colega de trabalho?

Monsieur Merde é o medo e a fobia. Também a infância. Ele é a grande regressão do pós-11 de Setembro (terroristas que acreditam em histórias de virgens no paraíso, líderes políticos satisfeitos porque finalmente conseguem dar uso aos seus máximos poderes, como crianças onnipotentes. E pessoas confusas, como órfãos perdidos no escuro). Monsieur Merde é o estrangeiro extremo: o racista imigrante.

O Senhor Oscar poderia ser interpretado por mais alguém para além de Denis Lavant?

Se o Denis tivesse recusado, teria oferecido o papel a Lon Chaney ou a Chaplin. Ou a Peter Lorre ou Michel Simon.

Em que garagem são colocados os humanos quando chega o final do dia? Eles têm algo comparável ao local que vemos no final do filme?

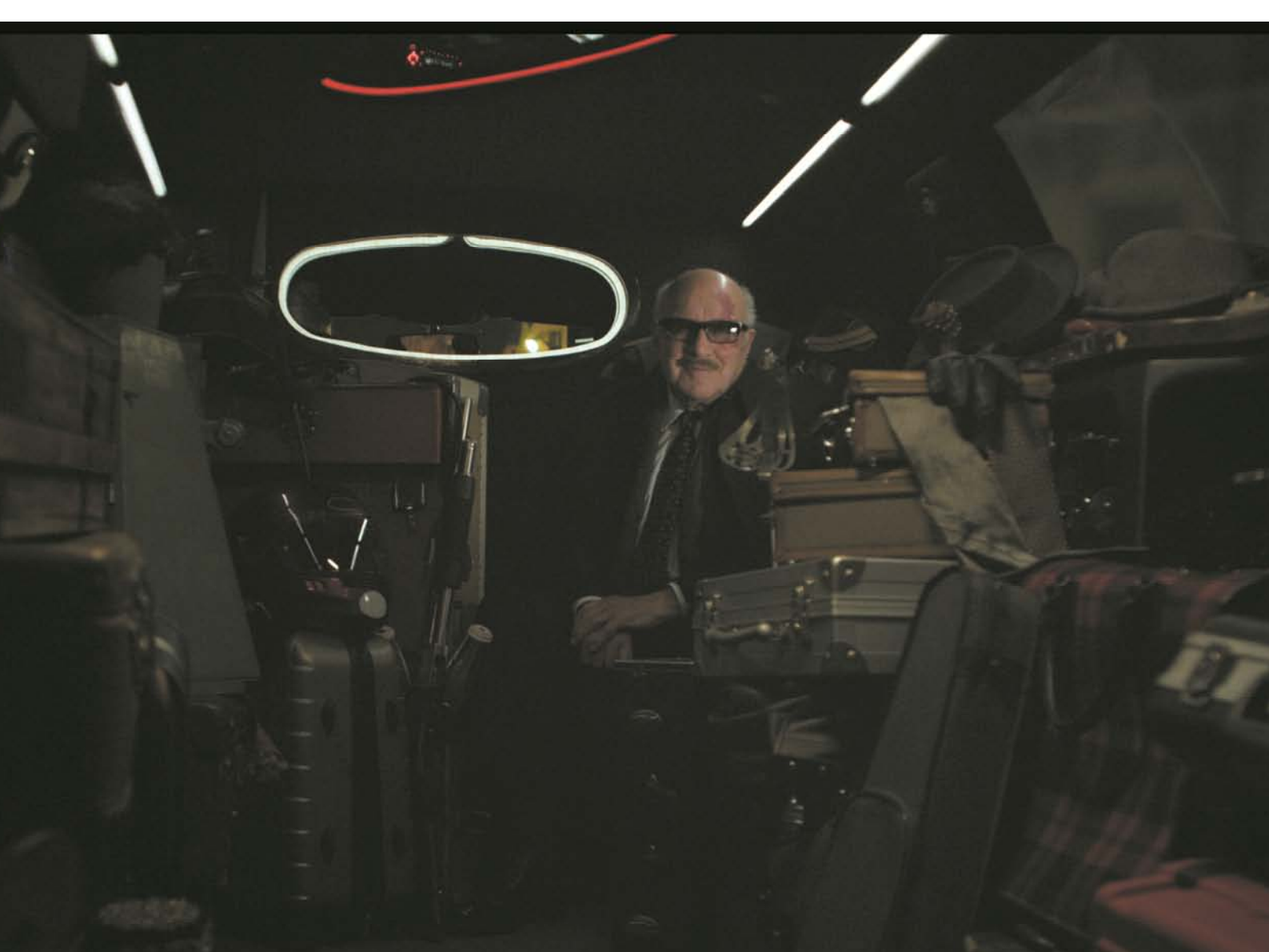
Onde os humanos estacionam à noite – aquilo que chamamos “lar”. Mas onde fica a verdadeira casa das pessoas? Ou é melhor viver em constante movimento, como um explorador viajando por terra e mar? Mas talvez os nossos verdadeiros lares já sejam computadores?

(excertos de uma entrevista por e-mail a Jean-Michel Frodon)



MONSIEUR MERDE

Aglouglia! Alk tsuet kerotût xeuhhi-vi aass!



OS ACTORES, segundo Leos Carax



DENIS LAVANT (*Senhor Oscar, Banqueiro, Pedinte, Especialista em motion capture, Monsieur Merde, Pai, Acordeonista, Assassino, Vítima, ...*)

Tal como o próprio cinema, o Denis vem do palco, das feiras e do circo. O seu corpo é esculpido como os daqueles atletas cronofotografados pelo Marey. E quando filmo este corpo em movimento, sinto o mesmo prazer que, imagino, Muybridge deve ter sentido ao ver o seu cavalo galopante.





ÉDITH SCOB (Céline)

Já tinha filmado Édith em "Os Amantes da Ponte Nova" mas tudo aquilo que restou na montagem final foram apenas os seus cabelos e mãos. Fiquei a dever-lhe um papel a sério. Édith é uma mulher-cinema, maravilhosa no verdadeiro sentido da palavra. Para além disso, a sombra de Georges Franju já estava a pairar sobre o projecto, e por isso a sua figura, o seu rosto e a sua voz tornaram-se essenciais. Ela tornou-se a fada madrinha do filme.



KYLIE MINOGUE *(Eva/Jean)*

Até há pouco tempo, tudo aquilo que sabia sobre a Kylie era o nome e o dueto com o Nick Cave, nos anos 1990. E entretanto a Claire Denis falou-me dela a propósito de outro projecto que eu supostamente iria filmar em Londres. A Kylie é a própria pureza. Filmar com ela foi a experiência mais delicada e amável que tive num plateau.



EVA MENDES (Kay M.)

Idealizei o papel da modelo Kay M. para Kate Moss. Queríamos fazer uma longa-metragem em Nova Iorque sobre as aventuras do Monsieur Merde, "Merde in U.S.A.". Uma espécie de "A Bela e o Monstro". E então encontrei a Eva Mendes num festival e sentimos que devíamos filmar juntos. Ela é simultaneamente erótica e robótica.

ÉLISE LHOMEAU (Lea/Élise)

Élise é uma mulher jovem e moderna mas parece vinda de outra era – das origens do cinema. Ela não é nem carne fresca nem carne para canhão como a maioria das "jovens actrizes". O corpo e os olhos dela enfrentam a câmara.

JEANNE DISSON (Angèle)

Foi muito difícil encontrar uma rapariga para interpretar Angèle. Pensei inicialmente numa rapariga de 13 ou 14 anos mas Jeanne, que tinha apenas 10, era a única que conseguia adaptar-se às mudanças que a personagem atravessa nesta cena de dez minutos. E na vida real ela é divertida.

MICHEL PICCOLI (O Homem com a marca de nascença)

Supostamente seria eu a interpretar esta personagem. Mas isso seria confuso; ele não é o realizador mas o "chefe das câmaras invisíveis". É uma figura sombria. Não sabemos se é um produtor, um sinistro Ministro do Interior ou um grande chefe da Máfia. E por isso ofereci o papel a Piccoli. A ideia era que ele surgisse irreconhecível e aparecesse nos créditos com um pseudónimo, Marcel Tendrolo. Ele achou tudo muito divertido mas infelizmente houve uma fuga de informação.



LEOS CARAX

1984 – PAIXÕES CRUZADAS (Boy Meets Girl)

1986 – MÁ RAÇA (Mauvais Sang)

1991 – OS AMANTES DA PONTE NOVA (Les Amants du Pont-Neuf)

1999 – POLA X

2008 – TOQUIO! (Tokyo!) – co-realizado por Michel Gondry e Joon-ho Bong

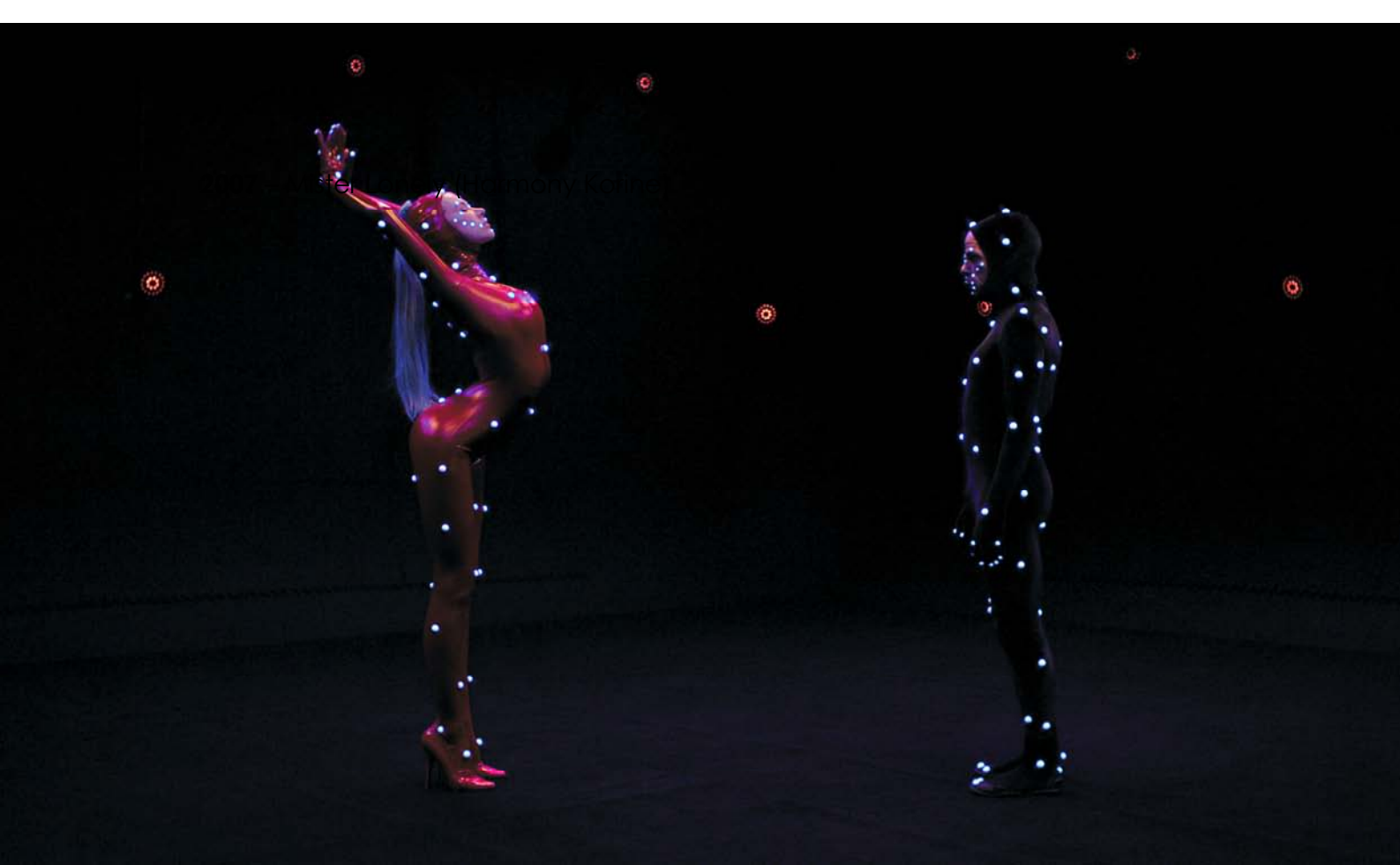
2012 – HOLY MOTORS

Como actor:

1987 – King Lear (Jean-Luc Godard)

1988 – Les Ministères de l'Art (Philippe Garrel)

1997 – A Casa (Sharunas Bartas)



MÚSICA ORIGINAL

"Who Were We?" (Neil Hannon/Leos Carax e Neil Hannon)

Interpretado por Kylie Minogue

Orquestração e Arranjos de Andrew Skeet

Orquestra: Berlin Music Ensemble

MÚSICA ADICIONAL

Dimitri Shostakovich – "Quarteto nº 15 em Mi Bemol menor (Op. 144)"

Sparks – "How are you getting Home?"

Gérard Manset – "Revivre"

R.L. Burnside – "Let My Baby Ride" (adaptação de Docto L, Elliot Simon e Quentin Auvray)

FICHA ARTÍSTICA

Denis Lavant
Édith Scob
Eva Mendes
Kylie Minogue
Elise Lhomeau
Michel Piccoli
Jeanne Disson

FICHA TÉCNICA

Realização e Argumento – Leos Carax
Fotografia – Caroline Champetier AFC, Yves Cape AFC SBC
Montagem – Nelly Quettier
Som – Erwan Kerzanet, Katia Boutin, Josefina Rodriguez, Emmanuel Croset
Maquilhagem – Bernard Floch, Jean-Christophe Spadaccini, Denis Gastou
Guarda-roupa – Anaïs Romand AFCCA

Uma produção franco-alemã PIERRE GRISE PRODUCTION / THÉO FILMS / ARTE FRANCE CINÉMA / PANDORA FILM / WDR-ARTE Com a participação de Canal + e do Centre National du Cinéma et de l'Image Animée com o apoio do programa MEDIA, da Région Ile-de-France e do PROCIREP / ANGOA, FFA MINI TRAITÉ, MEDIENBOARD BERLIN BRANDENBURG em Associação com SOFICINÉMA 8 e WILD BUNCH
Distribuição LEOPARDO FILMES

